



PATHWAYS AND PROJECTS BETWEEN YOUNG CHILDREN OF ARTISANAL FISHERMEN IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO

TRAJETÓRIAS E PROJETOS ENTRE JOVENS FILHOS DE PESCADORES ARTESANAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Juliana Blasi Cunha

Doutorado em Antropologia pela Universidade de São Paulo

Pos doc no ppgsp/uenf

jblasicunha@gmail.com

Bárbara Hilda Crespo Prado de Carvalho

Doutorado em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense

Darcy Ribeiro

barbarahcpc@gmail.com

Wania Amélia Belchior Mesquita

Doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro- UENF

mesquita@uenf.br

Resumo

Este artigo é resultado do trabalho da linha de pesquisa 19 “Juventude e Modo de Vida no Contexto PEA Pescarte”, financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte Petrobrás, que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), e que possui abrangência entre os municípios de Arraial do Cabo, Cabo Frio, Armação dos Búzios, Rio das Ostras, Macaé, Quissamã, Campos dos Goytacazes, São João da Barra e São Francisco de Itabapoana. Com isso, essa elaboração da linha de pesquisa 19 busca compreender como os jovens filhos de pescadores artesanais percebem e se relacionam com a pesca artesanal nas comunidades pesqueiras de Arraial do Cabo, Armação dos Búzios e São João da Barra. Nesse sentido, pesquisas sobre o tema (Diegues, 1983; Duarte, 1999; Vailati, 2014) indicam que

os pescadores mais velhos têm adotado um discurso contrário à permanência de seus filhos na pesca, desse modo, a partir de duas trajetórias distintas de jovens filhos de pescadores artesanais, esse trabalho objetiva discutir como os próprios jovens comunicam suas intenções de futuro e articulam suas ações presentes, visando assegurar seus objetivos de vida. Considerando-se o contexto econômico e sociocultural no qual estão inseridos, através destas trajetórias, o artigo busca também discutir a dicotomia permanência/mudança que perpassa a categoria “comunidade tradicional” com a qual estão identificados.

Palavras-chaves: pesca artesanal; juventude; tradição; mudança.

Abstract

This article is the result of the work of the research line 19 "Youth and Way of Life in the PEA Pescarte Context", which compose and is financed by the Environmental Education Project (PEA) Pescarte Petrobrás, a mitigation measure required by the Federal Environmental Licensing, conducted by IBAMA (Brazilian Institute of the Environment and Renewable Natural Resources), and which has coverage among the municipalities of Arraial do Cabo, Cabo Frio, Armação dos Búzios, Rio das Ostras, Macaé, Quissamã, Campos dos Goytacazes, São João da Barra e São Francisco de Itabapoana. Thus, this elaboration of the research line 19 seeks to understand how the young children of artisanal fishermen perceive and relate to artisanal fishing in the fishing communities of Arraial do Cabo, Armação dos Búzios and São João da Barra. Thus, research on the subject (Diegues, 1983; Duarte, 1999; Vailati, 2014) indicate that older fishermen have adopted a discourse against the permanence of their children in fishing. Thus, from two distinct trajectories of young children of artisanal fishermen, the work aims to discuss how the young people themselves communicate their intentions for the future and articulate their present actions, aiming to ensure their life goals. Considering the economic and sociocultural context in which they are inserted, through these trajectories, the article also seeks to discuss the permanence/change dichotomy that permeates the category "traditional community" with which they are identified.

Keywords: artisanal fishing; youth; tradition; change.

1. Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA. Pesquisas anteriores e atuais têm destacado que os pescadores artesanais mais velhos vêm adotando um discurso contrário à permanência dos jovens nessa atividade e que estes,

por sua vez, têm buscado maior inserção na educação formal (Diegues, 1983; Duarte, 1999; Vailati, 2014). Os dados do Censo Pescarte¹, realizado em 2016, alertam para o fato de que os pais e mães envolvidos com a pesca artesanal não desejam que seus filhos sejam pescadores. De acordo com Timóteo (2019), mais de 80% dos pescadores entrevistados neste Censo disseram não querer que seus filhos(as) sigam na pesca.

De acordo com tais pesquisas, o jovem pescador, por estar em contato com outros mundos para além da comunidade pesqueira, estaria mais suscetível às novidades e acabaria ampliando seu horizonte de possibilidades em relação às gerações anteriores. Em vários povos e sociedades pode ser observado a necessidade de socializar os mais jovens para se manterem e reproduzirem sua cultura. Por outro lado, inevitavelmente, as novas gerações podem não incorporar todas as expressões e significados sociais. Algumas práticas e valores são deixados de lado por essas gerações, que criam outros. Como bem coloca Barros (2006): “A combinação de elementos aparentemente inconciliáveis de mudança e permanência faz parte das experiências de vida das diferentes gerações” (Barros, 2006, p. 17-18).

Considerando tais pesquisas sobre juventude em contextos de pesca e outros, emerge a questão da descontinuidade e a ruptura entre uma hipotética geração de adultos e uma de jovens. O presente artigo, desenvolvido no âmbito do PEA-Pescarte, busca apresentar duas distintas trajetórias de jovens oriundos de famílias de pescadores artesanais do estado do Rio de Janeiro. A partir dessas trajetórias, o trabalho objetiva, através dos conceitos de “projeto” e “campo de possibilidades” (Velho, 1981; 1994), pensar como os próprios jovens percebem a pesca artesanal e o como se relacionam com ela. Trata-se de pensar, não apenas o que querem seus pais, mas sobretudo como os próprios jovens comunicam suas intenções de futuro e articulam suas ações presentes em

¹ O Projeto de Educação Ambiental Pescarte (PEA Pescarte) PEA Pescarte é um projeto de mitigação socioambiental desenvolvido por meio da gestão compartilhada entre a Petrobras e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), sob supervisão do IBAMA, em cumprimento a uma exigência legal do Licenciamento Ambiental dos empreendimentos marítimos de exploração e produção de petróleo e gás da Petrobras na Bacia de Campos.

termos da realização de seus objetivos, considerando-se o contexto econômico e sociocultural no qual estão inseridos.

Tais trajetórias revelam muito sobre as perspectivas de mudança e de continuidade do modo de vida que tradicionalmente caracteriza o dos pescadores artesanais. Conhecer melhor as tendências predominantes entre os mais jovens é também uma forma de conhecer o futuro de suas sociedades, conforme nos lembra Mariz, Mesquita e Araújo (2018). Através destas trajetórias é possível também buscar discutir, portanto, sobre a dicotomia permanência/mudança que perpassa a categoria “comunidade tradicional” com a qual estão identificados.

2. Perspectiva teórico-metodológica

A categoria social jovem foi pensada na literatura socioantropológica, destacando-se a liminaridade que fortemente caracteriza essa fase da vida ao marcar a transição da infância para a vida adulta. Grande parte dos trabalhos que se dedicaram a pensar a juventude não-ocidental centrou a análise nos chamados ritos de passagem (FIRTH, 1998 [1936]; VAN GENNEP, 2011 [1977])². A importância desses ritos está justamente em destacar a juventude como uma etapa liminar, na qual não se é mais criança e nem tampouco adulto. É possível dizer que a grande contribuição desses estudos à temática da juventude foi a desconstrução da ideia de que a transição para a vida adulta estaria relacionada às mudanças físicas e hormonais. A partir desses estudos evidenciou-se que a passagem entre a infância e a vida adulta se configura como uma mudança de status social e não de referência biológica.

Isso posto, a juventude como uma categoria formada pelos indivíduos a partir de suas expressões em determinado período da vida apresenta múltiplos significados e varia conforme os processos históricos de acordo com as distintas culturas e contextos econômicos, sociais, como já mostraram, entre outros, Ariès

² Uma exceção é o clássico *Coming of Age in Samoa* (1949), no qual Margaret Mead centra a análise nos processos formadores da condição infantil e juvenil entre os nativos da ilha.

(1981) e Bourdieu (1983). Nesse sentido, os limites etários são produtos históricos, que em cada tempo e lugar existem diferenças sobre a definição do que é “ser jovem”.

A juventude ora se apresenta como um grupo aparentemente homogêneo se compararmos a fase dos jovens com as demais, ora se apresenta como um conjunto heterogêneo quando a fase dos jovens é vista como um conjunto social com atributos sociais na qual eles se diferenciam uns dos outros. Com efeito, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações (PAIS, 1990, p.149). De acordo ainda com Pais (2003), a corrente geracional toma a noção de juventude como uma fase da vida, destacando o aspecto unitário da juventude, já a corrente classista, percebe a reprodução social da juventude em termos de classes sociais. Desse modo, a transição dos jovens para a vida adulta estaria pautada por desigualdades sociais. Pensar os jovens filhos de pescadores é pensar, portanto, uma etapa de suas vidas, dentro de um determinado contexto socioeconômico, que não se limita a uma questão etária (MANNHEIN, 1982).

Conforme destacam Bittencourt e Pereira (2021), para as agências mundiais e governos nacionais, os jovens são pessoas entre 14 e 34 anos de idade. Todos os contextos locais, no entanto, têm a sua definição de juventude. Menos do que um corte etário, entende-se aqui por jovens aqueles que foram na sua comunidade identificados como tal. Os 12 entrevistados nessa pesquisa foram apontados como jovens pela “equipe de campo” do PEA-Pescarte. A nossa solicitação à equipe foi pelo contato de “jovens que tivessem alguma relação com a pesca”. Foram entrevistados 12 jovens, alguns indicados pela equipe e outros apontados por aqueles anteriormente entrevistados.

Desses 12 jovens, 10 tem entre 16 e 19 anos, são filhos de pescadores, apenas 1 pesca profissionalmente e outros 9 seguem ou almejam seguir o caminho do estudo formal. Os outros 2 jovens não são filhos de pescadores, tem mais de 22 anos e, após perderem o emprego, começaram a pescar como uma fonte alternativa de renda. No presente artigo, concentramos nossos esforços de análise em apenas duas dessas doze trajetórias. A primeira trajetória escolhida é a do jovem Wellington, por ela muito bem expressar o projeto da

maioria dos jovens entrevistados que optaram por seguir o caminho da escolarização formal, em detrimento ao da pesca artesanal. A segunda trajetória é a do jovem Kauã e será apresentada como um contraponto à trajetória de Wellington, uma vez que ele foi o único jovem entrevistado que pesca profissionalmente e afirma gostar de ser pescador.

Foram realizadas 12 entrevistas semi-estruturadas com jovens de 3 municípios do estado do Rio de Janeiro: São João da Barra, Búzios e Arraial do Cabo. A escolha dos municípios foi feita a partir de demandas do projeto PEA-Pescarte, sem nenhuma relação específica com a questão da juventude nesses municípios.

As entrevistas foram realizadas pela equipe da linha de pesquisa “Juventude e modo de vida” do PEA-Pescarte, a partir de um roteiro previamente elaborado pela mesma. Tais entrevistas foram realizadas durante a pandemia Covid-19, entre os meses de julho e outubro de 2021 e, em respeito às necessárias medidas de distanciamento social, a equipe de pesquisa utilizou a plataforma digital Google Meet. Tal estratégia para a realização das entrevistas colocou alguns importantes desafios à aproximação entre os pesquisadores e jovens entrevistados, permitindo algumas reflexões sobre a forma como o material empírico desta pesquisa foi produzido nessas relações mediadas pela internet.

Em um primeiro momento, através das “equipes de campo” do projeto, levantamos os contatos telefônicos de alguns jovens que tinham alguma “relação com a pesca” nestes municípios. Através de ligações telefônicas e da plataforma WhatsApp, buscou-se o estabelecimento de contato com os jovens indicados e, em conformidade com suas disponibilidades de horários, os encontros virtuais no Google Meet foram marcados. Não sem alguma dificuldade para convencê-los a participar, as entrevistas foram então, aos poucos, realizadas e gravadas.

Diante da pandemia do Covid-19 e das medidas de distanciamento social dela decorrentes, impôs-se a necessidade de pensar os limites e possibilidades de realizar pesquisa qualitativa utilizando-se as plataformas digitais. A reflexão sobre o uso de tais plataformas na realização de pesquisas qualitativas e

etnográficas é anterior a pandemia, datando da década de 90, mas essa passou por uma profunda retomada e adensamento em virtude da pandemia. Pensar em formas possíveis de aproximação com esses jovens através da internet e nos impactos que esse tipo de contato remoto pode ter no conhecimento produzido pela pesquisa tornou-se uma questão pensada e trabalhada em rodadas de leituras (Miller&Slater, 2004; Hine, 2020; Lévy, 2003; Segata, 2020) e discussão pela nossa equipe.

Ainda que não buscássemos fazer uma etnografia digital, algumas reflexões foram necessárias para pensar o contexto no qual as entrevistas semi-diretivas seriam produzidas. Nesse tipo de entrevista faz-se necessário criar condições para o diálogo, buscando, por exemplo, que o entrevistado possa trazer questões que não estavam contempladas em nosso roteiro. Não foi fácil convencer a todos participarem e nem todos tiveram o mesmo interesse ou facilidade de nos contar um pouco de suas vidas e planos futuros. Acreditamos, no entanto, que por se tratar de um público jovem, mais familiarizado com smartphones e redes sociais, a experiência da entrevista on-line tenha rendido um material, que nos permitiu a elaboração desse artigo.

3. Trajetórias

Um dos nossos entrevistados tem 19 anos, chama-se Wellington e nasceu em Atafona, distrito do município de São João da Barra, na região Norte Fluminense. Seu pai é pescador artesanal e a mãe trabalha na cooperativa Arte e Peixe com produção de hambúrguer, linguça, quibe e outros produtos feitos a partir do pescado. Atualmente, Wellington cursa a graduação em biologia em uma universidade pública, no município vizinho de Campos dos Goytacazes, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Antes de conversarmos, especificamente, sobre a sua trajetória, ele nos contou suas impressões sobre como os jovens de sua comunidade se relacionam com a pesca artesanal. Em suas palavras:

Eu às vezes fico conversando com a minha mãe como eu vejo que as pessoas mais jovens não têm interesse na pesca. Quando acontece assim, deles irem para o mar ... por exemplo, meu primo Luiz André, ele estava trabalhando, mas acabou demitido e ele foi com o pai pescar. Mas sempre fica na nossa cabeça que é temporário, é só um momento. Vai lá, pesca, consegue algum dinheiro na semana, mas acho que são pouquíssimos ou quase nenhum dos adolescentes daqui que pensam em ir para a área da pesca mesmo, entendeu?.

De acordo com Wellington, tal desinteresse dos jovens pela pesca pode ser atribuído ao fato desta ser uma atividade perpassada por muito desgaste físico e ainda pouca ou nenhuma estabilidade financeira. Em suas palavras:

Porque é um desgaste e é muito incerto ... não é o salário fixo. E a gente tá acostumado a ver como acontece com os nossos pais ... como é que é ver o pai chegar cansado no lar. Ou a mãe que auxilia o pai na parte de ajuda, de lavar o peixe, cortar o peixe. A gente vê como é desgastante. E é aquilo ... a gente vê isso como uma segunda opção, mas não como o foco da nossa vida, entendeu?

Quando perguntamos se Wellington achava que o dinheiro que o pescador recebe com a pesca é justo, ele pondera que este deveria ganhar um adicional pela imprevisibilidade e muitos riscos que corre cotidianamente ao se aventurar em alto-mar. Mais uma vez em sua fala, destaca-se que os tais pontos negativos não são recompensados pelo dinheiro proveniente da atividade pesqueira. Para ele:

[...] ser pescador é um trabalho muito desgastante ... é um sol, é um jogo. Acontece que a saúde do pescador é interferida ... porque muitas vezes não tem proteção solar. Eles ficam expostos ao sol por muito tempo e eles não se preocupam. E acaba que são muitos fatores e principalmente os fatores de saúde, que deveria ter um ... como é que se fala? Bom, o melhor exemplo é meu professor de química, que recebia mais por trabalhar no

laboratório pela questão de risco dele. Então, acho que talvez um adicional por essa questão da saúde ... porque são vários riscos no alto-mar. A natureza, a gente não tem como prever o que acontece.

A questão da instabilidade financeira, dos riscos e da imprevisibilidade que perpassa a pesca aparece em quase todas as entrevistas realizadas. A fala de um outro jovem filho de pescador bem representa a questão da instabilidade: “Então, às vezes eles vão, pescam, dão o lance e não conseguem pegar uma quantidade de peixe significativa pra poder trazer o sustento da família. E às vezes até pegam a quantidade de peixe e não conseguem vender, enfim ...”. Conforme nos lembra Vailati (2014), segurança é uma ideia que, na literatura clássica sobre pesca, aparece em clara contradição com esse tipo de atividade. A pesca é de fato uma das práticas mais ligadas à incerteza, ao risco e à variabilidade.

Voltando para o jovem Wellington, podemos perceber que, até o presente momento de sua vida, as suas escolhas foram claramente orientadas pelo conhecimento sobre a vida de pescador que ele construiu observando e em relação com seu pai, familiares e amigos. Além de suas próprias impressões sobre a atividade da pesca, ele nos contou que, em geral, os pais pescadores orientam seus filhos a estudarem. Conforme ele observa:

Assim, eu acho que todo pai pescador... ele já começa desde pequeno a falar para (o filho) estudar, que estudar é a fonte, que o estudo é o caminho porque trabalho braçal é incerto. Se você tem diploma... é incerto também, mas é um pouco mais seguro de se conseguir um emprego e ser bem remunerado pelo que você realmente merece.

Em nenhuma das doze entrevistas por nós realizadas encontramos jovens que disseram ter recebido incentivo dos pais para seguirem na pesca. Há o caso do jovem Kauã, que pesca junto com o pai desde bem pequeno, como veremos a seguir. Ele fala da influência que o fato de o pai ser pescador teve na escolha dele, mas não diz nada sobre apoio e/ou incentivo do pai na formação e

realização do seu projeto. O fato mais comum encontrado entre os jovens entrevistados é que seus pais não os levava para pescar. Segundo contam, além de não levarem os filhos para pescar, os pais sempre falaram que a pesca não seria um bom futuro e que deveriam se dedicar aos estudos.

A fala de um jovem de 17 anos filho de pescador, bem representa o que ouvimos de quase todos eles: “Ele (pai) sempre falava que a pescaria não dá futuro. Então, ele colocou mais a gente para estudar para sair daqui e não ficar na pesca. Ele fala que o pessoal sofre muito. No rio, na água, na chuva, tem que tá pescando e trabalhando. E querendo ou não ele tem razão, né? Ele é pescador e sofre muito lá. Sempre que eu pedia (para pescar) ele falava que não ia levar, que era para eu estudar e que isso não dá vida não”.

Alguns jovens contam de um certo interesse ou curiosidade pela pesca logo na infância. Tal interesse era demonstrado através de pedidos para acompanhar o pai na pesca. Conforme explicaram os jovens, a esses pedidos, seus pais respondiam sempre com uma negativa acompanhada de uma série de justificativas que envolviam os riscos, as dificuldades, os enjoos e outros. A experiência de Wellington com a pesca artesanal resume-se à pesca de linha como atividade de lazer. Em nossa entrevista, quando perguntado se já pescou, ele respondeu: “Assim ... já pesquei daquele jeito, anzol e a linha. Aí puxa, parabéns pegou um bagre e solta. Mas nada ... nada de alto-mar não. Até porque meu pai falava que eu não ia conseguir, não iria aguentar. E aí eu falava que também acho que não”.

Sobre suas escolhas e trajetória, Wellington considera que Atafona é um bom lugar para se viver, mas não para “crescer profissionalmente” porque, em sua percepção, as pessoas “se acomodam muito”. Ele nasceu em Atafona e, em suas palavras: “Quando queremos fazer algum curso é sempre em Campos (dos Goytacazes). Aqui, quando tem, acho que não chega a informação se está tendo ou não. O pouco que está tendo é em São João (da Barra). Então eu acho que é muito ruim a gente crescer e ter que ir para outro lugar para estudar”.

Os jovens filhos de pescadores que buscam estudo formal e uma melhor inserção no mercado de trabalho, em geral, destacam a “falta de oportunidades”

como uma marca do seu local de moradia. Nas entrevistas foi comum ouvir considerações como:

Eu acho que aqui, para os jovens não tem muita oportunidade de estudo e de emprego. Assim, não só para os jovens, para a população em si. A gente não tem muita oportunidade de emprego e aí tem que estar buscando em outros lugares ... e aí fica muito difícil. Quem quer alguma coisa, tem que sair para outro lugar.

Wellington nasceu em Atafona e morou lá até os 6 anos de idade, quando se mudou para o Rio de Janeiro com sua mãe e dois irmãos. A mãe dele é separada do pai e nessa ocasião foi para o Rio de Janeiro morar com o namorado e também “em busca de mais oportunidades”. Wellington viveu entre os 6 e 15 anos indo e vindo do Rio, quando, então, voltou de vez para Atafona com sua mãe e irmãos. Na perspectiva de Wellington, tal experiência seria responsável por “abrir sua cabeça” e influenciar nas suas escolhas em relação ao futuro. Em suas palavras:

Aí também foi muito doido porque a gente ... eu era acostumado com Atafona e a gente foi para o Rio de Janeiro. E aí, carro, carro e carro. Ônibus, ônibus e ônibus. Também tem o seu lado positivo. Tem praia, tem mar, tem céu azul um pouquinho, mas foi uma experiência meio doida, entendeu? Mas abriu muito a minha cabeça, porque agora quando eu vejo os jovens daqui, eu já consigo ver como é que o ambiente que a gente vive influencia no nosso jeito de pensar ... de como a gente quer criar o nosso futuro, entendeu?

Quando Wellington voltou do Rio de Janeiro para Atafona, com 15 anos de idade, foi fazer o curso técnico de Petróleo e Gás no Instituto Federal Fluminense (IFF) da cidade vizinha, São João da Barra. A busca por estudo em cidades vizinhas marca a trajetória de Wellington na sua realização do curso técnico e agora do ensino superior. A opção dos jovens filhos de pescadores por

dar prosseguimento aos estudos quase sempre implica no deslocamento pendular ou mesmo mudança para alguma cidade vizinha de porte médio ou grande que tenham escolas, cursos técnicos ou universidades. Essa dimensão faz com que esses jovens frequentemente considerem seu local de nascimento como “tranquilo” ou “bom para viver”, mas não para quem quer “crescer profissionalmente”.

A passagem de Wellington pelo IFF teria, segundo conta, mexido muito com a cabeça dele e o deixado “calejado” ou “bem preparado” ao fim do curso. Foi no IFF que ele pensou pela primeira vez que poderia seguir estudando e decidiu fazer sua licenciatura em biologia na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Wellington atribui à sua experiência no IFF o despertar do interesse por um caminho para ele seguir e de como isso poderia ser feito. Foi através do contato e da troca de experiências com os professores da instituição que, segundo ele conta, começou a se interessar por ser professor:

[...] porque eu via os professores do IFF ensinando de um jeito diferente do que estava acostumado nas instituições públicas, municipais e estaduais. Aí eu fiquei tipo, “huum talvez isso aqui eu possa fazer”. E no IFF tem muita liberdade profissional. Então eu fiquei tipo ...liberdade profissional, um salário que é bom e para fazer uma coisa que eu gosto. Aí eu comecei a gostar um pouco mais disso. E os professores do IFF sempre estão apoiando a gente no que for, entendeu? Aí eu comecei a falar com alguns professores, com outras pessoas e eles falavam, “Faz isso, combina muito com você.”

O interesse pela biologia marinha, no entanto, segundo Wellington, seria anterior ao IFF e estaria relacionado com a influência que a pesca tem em sua vida. “A biologia marinha sempre foi um ponto que eu me interessei porque eu via meu pai pegando peixe e eu ficava olhando e achando interessante o porquê de um camarão ser grande e o outro pequeno, porque esse peixe é assim e o outro assado.”

Em termos de desejos, sonhos e futuro, Wellington revela ainda uma paixão que sente pelas artes e a vontade de se mudar para São Paulo, onde

acredita que uma carreira nessa área seria mais fácil. Sobre seu desejo, ele nos contou que:

Olha, no momento eu estou descobrindo uma área artística dentro de mim. E eu estava começando a ver se quero isso como um hobby ou se eu estou querendo viver disso e crescer com isso. No momento eu estou fazendo biologia, só que tem muitas coisas na biologia que me deixa estressado. Mas é assim ...nada é perfeito, né? Tem que saber lidar com os pontos positivos e negativos ... mas eu queria muito investir na área de moda, talvez a música, sinto que são áreas da arte...principalmente estética e musical.

O sonho de Wellington é atravessado em sua fala, no entanto, pela realidade do seu momento e localização presentes:

[...] assim esse mundo da arte é muito mais fácil conseguir de trampo na metrópole, na cidade grande. Quanto mais para o interior acho que é menos acesso a outras pessoas que pensam como você. Outras pessoas que querem fazer parceria querem construir alguma coisa no meio da arte. Aí acaba que eu estou deixando um pouco de lado. Estou querendo focar mais no momento na biologia e fazer disso, acho que um hobby. E se der certo, viver disso.

Wellington atribui esse interesse pelas artes à situação vivida durante a pandemia da Covid-19, em que para escapar das tristes notícias, através da internet, conectou-se a um maior número de artistas como um “meio de cura”. Em suas palavras:

Eu sinto que agora na pandemia eu comecei a me interessar mais pela arte e foi um método de cura assim, eu comecei a ver que auxilia, me acalma eu consegui entender que ajuda outras pessoas também, essa coisa do artista da troca do artista e espectador existe uma coisa, uma construção no meio de tudo isso, eu acho que foi um

pouco disso. Aí comecei nas minhas redes sociais a acompanhar mais artistas ou coisas relacionadas a moda a música ou projetos mais disso, e menos notícia que sei lá machucasse muito a minha cabeça, entendeu?.

Através da internet e das possibilidades de pesquisa proporcionada por ela, o gosto musical de Wellington aproxima-se ao de qualquer jovem de outros lugares do país e do mundo. O projeto de Wellington perpassa uma série de questões já estudadas por outros pesquisadores que trabalham com essa temática. Conforme destacam Bittencourt e Pereira (2021), nos anos 2000, as discussões sobre juventudes vieram acompanhadas de um conjunto de mudanças significativas no país. O aumento do tempo de escolarização decorrente de políticas que estimularam a permanência do jovem na escola, a expansão das universidades públicas e institutos federais, o aumento de poder de compra de segmentos menos favorecido economicamente e a expansão comunicacional decorrente da popularização da internet provocaram mudanças consideráveis nas experiências juvenis.

Ainda que Wellington destaque todas as dificuldades da atividade pesqueira e tenha optado por não seguir tal caminho, ao longo da entrevista em momentos diferentes, ele demonstrou bastante admiração e respeito pela pesca artesanal, mostrando reconhecer a importância dessa tradição para seus familiares e para a comunidade em geral. Em suas palavras:

[...] eu acho que eu gosto muito de entender como era com o meu avô, como ele pescava. Entender como é o processo do meu pai ... porque a pesca tem seus pontos negativos, mas tem seus pontos positivos. É uma coisa já histórica, desde sempre existiu, desde sempre está com a gente. É um processo humano mesmo de recorrer à natureza para sobreviver, para se alimentar ... e tem muita cultura por trás. É muito lindo.

Tal reconhecimento e admiração pelo modo de vida do pescador artesanal de Wellington, não foi encontrado entre todos jovens que optaram por

seguir o caminho do estudo formal. Em geral, o jovem com aspiração de estudar e migrar para uma cidade grande, fala da pesca como uma atividade, no mínimo, “menos evoluída” ou de quem não quer “crescer na vida”. Ao falar da sua “escolha pelos estudos” e das feitas por seus dois irmãos, uma jovem filha de pescadores, que tem dois cursos técnicos e almeja fazer sua graduação, destaca que:

Então, o meu irmão de doze, ele está mais pra tradição, mas a minha irmã de vinte e cinco, ela também já concluiu. Ela já tem o ensino médio concluído e também tem planos de fazer faculdade. Ela já tem a cabeça assim, mais evoluída ... Porque o dinheiro da pesca só dá pra sobrevivência mesmo, pra alimentação e eu acho que a prefeitura deveria ter muitos mais projetos para poder ajudar mais os jovens ... A dar um auxílio assim, abrir os olhos deles para outros universos, outros mundos, assim, pra vaga de emprego, pra faculdade, pra essas coisas, entendeu? Pra despertar neles um desejo, uma vontade de crescer na vida.

A ambição de querer “crescer na vida” é altamente valorizada entre esses jovens como uma referência positiva. Em oposição, dar continuidade ao caminho da pesca artesanal, seria uma escolha “menos evoluída” ou de alguém que deseja pouco da vida e se acomoda a esse modo de vida. A perspectiva do ensino formal como um projeto mais acertado ou valorizado foi encontrada na fala de onze dos doze jovens filhos de pescadores entrevistados. Entre os jovens entrevistados, aqueles entre 16 e 19 anos, apontam o ensino formal como seu projeto. Nesses casos, a pesca aparece como lazer ou ainda uma possibilidade última de renda, caso nada dê certo. Tais jovens fazem e/ou planejam fazer curso técnico ou graduação, almejando uma melhor inserção no mercado de trabalho. Quando perguntados se há a possibilidade de estarem na pesca no futuro, responderam ser possível, mas apenas “caso não consiga uma coisa boa e que me agrade”. Foi comum ouvi-los dizer que a pesca não está em primeiro lugar na sua lista de desejos e realização profissional, mas “se tiver que ir, eu vou”. Onze dos doze jovens entrevistados se relacionam com a pesca como uma

possibilidade última ou a que se considera recorrer apenas no caso do projeto não se consolidar.

A pesca apareceu nas entrevistas como uma opção entre dois jovens com mais de 22 anos, que não são filhos de pescadores, mas que não conseguiram uma inserção no mercado de trabalho e que acabaram indo trabalhar com a pesca. Tais jovens já trabalharam, com turismo e obra, por exemplo, mas, no momento, estão desempregados e fazem da pesca uma fonte de renda. Entre esses últimos, fica claro que a pesca não era o primeiro projeto de vida, mas tornou-se uma alternativa de obter renda, no contexto do desemprego.

A partir dessas entrevistas é possível perceber, com riqueza de detalhes, a forma secundária como a pesca figura no projeto desses jovens e de seus pais. Na direção contrária da perspectiva dessas entrevistas anteriores, encontramos a do jovem Kauã. Kauã tem 17 anos e é morador de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos, Rio de Janeiro. O jovem está no 8º ano do ensino fundamental, é casado, tem um barco e se identifica como pescador. Sendo a única trajetória que segue na direção oposta da maioria dos jovens entrevistados, ela será abordada aqui como um contraponto, na tentativa de melhor compreensão da perspectiva desses jovens.

Quando perguntado sobre seu local de moradia, Kauã considera que “é legal, é bem sossegado e tranquilo. Mas só precisa fazer alguns ajustezinhos na rua e tal. Mas fora isso é tranquilo, perfeito, tem um postinho de saúde...”. A percepção positiva do jovem sobre o seu lugar de moradia pode ser pensada a partir da sua escolha em permanecer na pesca e não almejar fazer cursos técnicos ou graduação.

Conforme vimos, os jovens interessados no ensino formal, em geral, apresentaram uma perspectiva mais crítica em relação ao seu local de moradia por não oferecerem oportunidades de estudo e emprego, forçando-os ao deslocamento pendular ou mudança para cidades vizinhas.

A mãe de Kauã trabalhava como faxineira e, atualmente, está aposentada. Seu pai entrou na pesca com 11 anos de idade e até hoje é

pescador. Segundo nos contou Kauã, seu pai pescava em Cabo Frio em alto mar, em um barco de 80 toneladas. Em suas palavras:

[...] meu pai ia (para o mar) tipo hoje e voltava daqui a uma semana, duas semanas mais ou menos ... aí a gente veio morar para cá (Arraial do Cabo) e eu casei, comprei um barco e tal. Eu tinha um terreno, eu vendi o terreno, comprei um barco e agora a gente ... Ele pesca no meu barco e na lagoa (de Araruama).

Pai e filho atualmente trabalham juntos em um barco comprado por Kauã com o dinheiro de um terreno que o jovem vendeu. Diferente do que ouvimos dos outros jovens em relação aos seus pais e à iniciação na pesca, Kauã conta que começou a pescar ainda criança com o pai, que o levava para alto-mar. Mais tarde, através do seu cunhado, começou a pescar na lagoa e gostou dali. Kauã pesca na lagoa atualmente há 9 anos e, segundo conta, foi ele quem levou seu pai para pescar na lagoa há 5 anos.

Assim como outros jovens entrevistados, Kauã conta sobre a curiosidade e o encantamento em relação à pesca que tinha desde pequeno. Em suas palavras: “E tipo assim ... começou tudo para ver como é que era. Porque eu sempre quis ir (pescar) pra poder ver como é que era a sensação e tal ... aí eu fui e gostei. E tô aí...”. Kauã não entra em detalhes sobre o que o pai dele pensava e o que conversou ou não com ele sobre a vida de pescador. Através de sua fala, sabemos apenas que, o que o diferencia dos outros jovens entrevistados, é que, ao apresentar o desejo de ir pescar com o pai, ele teve seu pedido atendido.

Quando perguntado se ele trabalha, o jovem afirma que trabalha com a pesca. Ao ser perguntado se ele gosta de ser pescador, o jovem responde rápido e de forma objetiva: “Gosto!”. Depois, o jovem desenvolveu mais sua fala sobre o porquê desse gostar da pesca. Kauã elabora mais a sua escolha, ressaltando a tradição da sua família na pesca. Em suas palavras:

Ah tipo assim ... porque toda a minha família também já vem nisso, já vem de família. O meu ... o pai do meu pai era pescador. Aí passou para o meu pai. Aí minha irmã conheceu o marido dela, meu cunhado, no caso ele é pescador também, parente e tal. E tipo, eu também me inspirei muito também no meu pai.

Quando perguntado sobre quais seriam os pontos positivos de ser pescador, Kauã responde de forma bastante entusiasmada: “tudo, cara”. Sobre as dificuldades da vida de pescador, o jovem é enfático ao dizer que o grande problema para ele estaria no valor do peixe. “É ... os problemas é tipo assim, é mesmo é valor ... valor de peixe, porque tipo, sobe tudo ... material, tudo, tudo, rede, sobe tudo e tipo o preço do peixe ao invés de subir, ele cai...”. O jovem acrescenta que além do valor, a fiscalização no período de defeso também poderia melhorar, porque, segundo aponta, muita gente continua pescando e outros tantos não seriam pescadores e receberiam o defeso. Sendo menor de idade, Kauã, não pode ainda receber o defeso e seu pai ainda não tem a documentação cadastrada como pescador dessa lagoa, uma vez que, originalmente, pescava em Cabo Frio em alto-mar. A questão do valor do peixe e do defeso são as únicas duas razões apontadas por Kauã como dificuldades na pesca. Os riscos, a imprevisibilidade e o desgaste físico não aparecem em sua fala sobre as dificuldades da vida de pescador.

Em relação ao seu futuro, Kauã diz que será na pesca. Em suas palavras: “ah eu, eu gosto e tipo assim eu costumo falar que isso não vai mudar. Isso vai permanecer e eu vou levar para o resto da minha vida”. O jovem está na 8ª série e afirma não ter intenção de fazer um curso técnico ou faculdade. Ainda que ele seja enfático ao assegurar que irá levar a pesca para o resto da sua vida, em outro momento de sua fala surge, de forma despretensiosa, o sonho de ser fuzileiro naval. Sobre esse desejo, Kauã fala pouco e, ainda que tivéssemos perguntado detalhes, ele não explica como articula suas ações presentes nessa direção, dando a entender que esse é um sonho distante, sem muita perspectiva de concretização ou engajamento para sua realização.

Kauã cursa a oitava série no período noturno e pesca, diariamente, com seu pai de seis da manhã até, aproximadamente, cinco da tarde. Conforme

explica, o horário é um pouco imprevisível e depende sempre das condições da pesca: “Tipo assim, pra vir embora às vezes não tem horário ... às vezes a gente pega muito peixe e tal, aí fica um pouco enrolado. Às vezes sai da beira da lagoa uma, duas horas, como pode sair no outro dia”. Nossa entrevista é interrompida porque Kauã tinha um compromisso e quando perguntado se ia pescar, ele respondeu: “Sim. Eu vou trabalhar!”

Kauã é o único jovem filho de pescador entrevistado que pesca profissionalmente, diz gostar da vida de pescador e não tem projeto de continuidade no ensino formal. Ainda que ele afirme a sua intenção de continuar na pesca no futuro, o jovem aponta a questão econômica com a grande dificuldade da pesca. Os outros jovens entrevistados apresentam um discurso embasado em toda a experiência e conhecimento adquirido na convivência com pais e parentes pescadores. Assim, mesmo entre aqueles jovens que, em suas falas, valorizam e respeitam a tradição da pesca, outros fatores são por eles destacados como intransponíveis, determinando sua escolha em direção à escolarização formal. Os perigos e a instabilidade financeira que perpassam o cotidiano do pescador são sempre lembrados e ressaltados como elementos que inviabilizam a pesca como seu projeto.

Dessa forma, ainda que a profissão de pescador artesanal seja respeitada como importante por alguns jovens entrevistados, economicamente é excluída do horizonte desses jovens. Os perigos do ofício e a remuneração econômica são as razões frequentemente apontadas pelos jovens para justificar o projeto escolhido que envolve o estudo formal e uma melhor inserção no mercado de trabalho. De todos os jovens entrevistados não encontramos um que tenha dito que seus pais desejavam para eles a pesca como futuro. É interessante destacar que a educação formal se apresenta como um projeto não apenas para o jovem, mas primeiramente para seus pais. Os pais, que dedicaram e dedicam toda a sua vida à pesca, trabalham para o melhoramento das condições econômicas da própria família e para prover uma melhor educação dos seus filhos e filhas.

Na atualidade brasileira, muitos jovens convivem com a imprevisibilidade de situações, como a entrada no mercado de trabalho e inserção ocupacional, em que a escolaridade já não é um elemento garantidor de emprego e renda.

Novaes (2008) destaca que, se numa situação anterior os jovens dos setores populares deixavam os estudos para ingressar de vez no mercado de trabalho, hoje os jovens de todas as classes sociais podem vivenciar de diferentes modalidades e formas várias “entradas e saídas” não só no mercado de trabalho, mas também no sistema educativo.

Contudo, a educação formal apresenta-se como a via mais desejada entre os jovens entrevistados. Em uma perspectiva mais ampla, Vailati (2014) destaca que, no Brasil, a pesca estaria gradualmente deixando de ser a única via de inserção no trabalho e passando a ser uma atividade relacionada ao lazer ou ainda tornando-se uma fonte secundária de renda. Tal situação, segundo o autor, deve ser pensada num contexto de mudanças que abarcam o desenvolvimento da indústria pesqueira no país a partir da década de 70 e o crescimento do turismo no litoral brasileiro a partir da década de 80. A difusão das ideologias da modernidade teriam forte influência sobre muitas comunidades que se dedicam à pesca em pequena escala.

Em relação à questão econômica, o autor destaca ainda que, no passado, um subsídio mínimo era garantia de sobrevivência, mas agora a realidade teria mudado. Segundo Vailati (2014), novas necessidades apareceram e hoje não são mais garantidas pela pesca.

A ideia de que estamos vivendo transformações sociais em ritmos acelerados traz à tona a ideia de que se perdeu o sentido da tradição, normas e valores sociais. Conforme lembra Barros (2006), a questão das gerações está intrinsecamente ligada à problemática das mudanças sociais. A percepção dessas mudanças aceleradas acaba levando a uma retomada do “problema sociológico das gerações” apresentado primeiramente por Karl Mannhein no final da década de 1920.

Para entender os projetos desses jovens filhos de pescadores é necessário entender algumas mudanças, no âmbito nacional, que ampliam suas possibilidades, impactando seus horizontes, sonhos e aspirações. Para compreensão do quadro socioeconômico mais amplo, faz-se necessário destacar que os lugares onde vivem esses jovens não são comunidades de

pesca isoladas, tal como descritas no passado. Tais locais são conectados com outros espaços sociais, muitas vezes urbanos e/ou influenciados pelo turismo. Nesse contexto, o horizonte dos jovens agora seria repleto de múltiplas possibilidades e ser pescador tornou-se uma opção entre outras e não mais a única possibilidade.

4. Considerações Finais

A trajetória de Wellington, de Kauã e as tantas falas dos outros jovens entrevistados devem ser pensadas dentro do contexto mais amplo no qual elas se desenrolam. Segundo Velho (1983), o projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Já o campo de possibilidades refere-se à dimensão sociocultural ou o espaço para formulação e implementação de tais projetos. Os projetos individuais sempre interagem uns com os outros dentro de um campo de possibilidades.

Como vimos, a trajetória de Wellington foi fortemente marcada pela experiência de ter morado um período de sua vida no Rio de Janeiro. Depois, quando voltou para sua cidade de origem, ele circulou ainda em cidades vizinhas de maior porte para fazer seu curso técnico (IFF) e, atualmente, graduação (UENF). A trajetória e o projeto de Wellington devem ser pensados a partir dos contatos que ele estabelece com outros grupos e círculos mais amplos, que, conforme ele mesmo destaca, impactaram suas visões de mundo, estilos de vida e “projetos”. O jovem é enfático ao contar o quanto essas experiências o impactaram, ou em suas palavras: “abriram a cabeça” e “deixaram calejado”. Buscou-se analisar as trajetórias em questão nesse artigo, destacando-se as biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, mas sem, por outro lado, esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades.

É necessário destacar que os lugares onde vivem esses jovens não são comunidades de pesca estáticas e isoladas, como foram descritas no passado. As pequenas cidades onde vivem são conectadas com outros espaços sociais, cidades de porte médio ou turísticas, e esses jovens circulam por esses lugares.

As comunidades tradicionais foram originalmente abordadas nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia Social, como grupos coesos, homogêneos e isolados. Depois de décadas de pesquisa etnológica, vários autores clássicos da tradição antropológica demonstraram como esse isolamento pode ser ilusório e como grupos aparentemente fechados podem fazer parte, de várias maneiras, de um sistema mais amplo em termos econômicos, políticos e culturais (Malinowski, 1922; Leach, 1954; Evans-Pritchard, 1940).

Apesar da problematização em torno do seu suposto isolamento, sempre que comparadas com as “sociedades complexas”, as sociedades tradicionais (ou de “pequena escala”) seguiram sendo representadas como uniformes e fechadas em si mesmas. Os trabalhos de Simmel e Wirth, por exemplo, chamaram atenção para a especificidade da vida metropolitana com sua heterogeneidade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de papéis e domínios. Na sociedade complexa, particularmente, a coexistência de diferentes mundos constituiria a sua própria dinâmica. Assim, o habitante da grande metrópole viveria permanentemente em contato com outros mundos, contrastando com aqueles de sociedade de pequena escala, que estariam fechados em si mesmos.

Em contraste com as sociedades simples de pequena escala, a diversidade, a fragmentação de papéis e a heterogeneidade de experiências criaria uma situação particular em termos existenciais nas grandes cidades. Tais autores destacam que os habitantes das grandes cidades estão mais sujeitos do que em sociedades de pequena escala a invasões de seus mundos, irrupções e crises ocasionadas pela proximidade física e sociológica com outros estilos de vida e definições de realidade.

O antropólogo urbano brasileiro Gilberto Velho destaca, no entanto, que a própria unidade e/ou homogeneidade de sociedades tribais só pode ser aceita com fortes restrições, fazendo todas as ressalvas quanto ao nível ou dimensão da vida sócio-cultural a que estamos nos referindo e com que outro tipo de sociedade comparamos quando falamos em uma menor complexidade. Segundo Velho (1981; 1994) seria preciso tomar cuidado ao estabelecer contrastes com sociedades tradicionais para não exagerar em polarizações que

podem perder sua eficácia para a compreensão destas distintas realidades. O autor destaca que, embora a sociedade moderna contemporânea deva ser tratada como limite em relação à multiplicidade e fragmentação de papéis e domínios, nenhuma sociedade é monolítica culturalmente e que as sociedades de pequena escala também apresentariam planos e dimensões diferenciados.

Os projetos individuais desses jovens filhos de pescadores sempre interagem com outros de outros círculos dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.

Nesse sentido cabe destacar, através da trajetória de Wellington e dos projetos de outros jovens entrevistados, as interações que eles estabelecem com redes de relações mais amplas e diversificadas. Para compreender seus projetos, faz-se fundamental pensar que as pequenas cidades onde vivem estão conectadas a outras cidades vizinhas e ainda que são locais turísticos por onde circulam uma quantidade grande de pessoas de outros lugares. A circulação desses jovens por grupos mais amplos e diversificados traz impactos profundos em suas visões de mundo, estilos de vida e “projetos”.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2.ed,1981.

BARROS, Myriam Lins de Barros (org.). Família e gerações. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BITTENCOURT, João Batista & PEREIRA, Alexandre. Juventude e Antropologia: uma relação controversa. Mundaú, Alagoas, n. 10, p. 12-19, 2021.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia.

Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. p. 112-121.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'ana. Pescadores, Camponeses e Trabalhadores

do Mar. São Paulo: Ática, 1983.

DUARTE, Luis Fernando Dias. As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba. Niterói: EdUFF, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições de um povo nilota. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002 [1940].

FIRTH, Raymond. Nós, os Tikopias: um estudo sociológico do parentesco na Polinésia primitiva. São Paulo: Edusp.

LEACH, EDMUND. SISTEMAS POLÍTICOS DA ALTA BIRMÂNIA. SÃO PAULO: EDUSP, 1996.

MEAD, Margareth. Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for western civilization. New York: Mentor, 1949.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo: Ática, 1982, pp. 67-95.

MARIZ, Cecília; MESQUITA, Wania; ARAÚJO, Michele. Jovens católicos brasileiros. Interseções, Rio de Janeiro, v. 20 n. 2, p. 412-431, dez. 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1998.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. Mana, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, outubro de 2008.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude-alguns atributos. Análise social, Lisboa, vol. XXV, 1990. p. 164.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Coleção Análise social, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

TIMÓTEO, Geraldo Marcio. Trabalho e Trajetória Profissional do Censo Pescarte 2016: Um Olhar sobre a Formação do Trabalhador da Pesca Artesanal do Litoral Fluminense. In: TIMÓTEO, Geraldo Marcio (Org.). Trabalho e pesca no litoral fluminense : reflexões a partir do Censo do PEA Pescarte – 1. Campos dos Goytacazes: EdUENF, 2019.

VAILATI, Alex. As redes dos jovens: uma perspectiva antropológica sobre o estudo da juventude pesqueira no Brasil. In: LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade (Org.). Pesca, turismo e meio ambiente. Recife: EDUFRPE, 2014.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

_____. Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.